

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
PRÓ-LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

ESTELA VIEIRA DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO DA SEXUALIDADE NAS ARTES
VISUAIS: A FOTOGRAFIA DE ROBERT MAPPLETHORPE E
A POÉTICA DO DESEJO NO CONTEXTO ESCOLAR**

Brasília, 2013

**A REPRESENTAÇÃO DA SEXUALIDADE NAS ARTES
VISUAIS: A FOTOGRAFIA DE ROBERT MAPPLETHORPE E
A POÉTICA DO DESEJO NO CONTEXTO ESCOLAR**

Trabalho de conclusão do curso de
Pró-Licenciatura em Artes Visuais
do Departamento de Artes Visuais
do Instituto de Artes da
Universidade de Brasília

Orientador: Professor Dr. Shahram Afrahi

Brasília, 2013

Agradecimentos

A Deus, por estar sob sua proteção e ser acolhida em sua infinita bondade e compaixão em todos os momentos de minha vida, por traçar em os meus caminhos as demais pessoas a quem agradecerei entre elas;

O professor Dr. Shahram Afhahi, por me resgatar de minha iminência desistência, restituindo minha motivação para continuar o curso.

Ao Expedito Barbosa por ser meu grande amigo em todos os momentos em que precisei.

Ao meu filho símbolo do meu amor maior;

Aos meus pais Celina Barbosa (*In memorian*) de quem sinto imensas saudades e José Rodrigues que são meu modelo de amor, companheirismo e garra para vencer as adversidades.

As minhas amigas a quem tenho imenso carinho e compreenderam meus momentos de ausências.

Resumo

O presente trabalho tem como tema a questão do gênero e as manifestações da sexualidade nas artes visuais, usando a leitura de imagens fotográficas como elemento de apropriação do exercício do olhar crítico e reflexão dos papéis relacionados à diversidade sexual e suas representações na arte. Propõe o estudo destas representações por meio do trabalho do artista Robert Mapplethorpe no contexto escolar, analisando as interferências conservadoras e moralistas que a escola faz da sexualidade tendo como referências a heteronormatividade.

Palavras chaves: Sexualidade, fotografia, Robert Mapplethorpe, Artes Visuais

Abstract

The present work reviews the gender matter and sexuality which affects visual arts, and also the use of photographic images as an exercise of a critical point of view and reflection of the rules related to sexual diversity and its representations in art. It proposes a study of these representations according to the work of Robert Mapplethorpe in the school context analyzing conservative and moralistic interference of school on sexuality in heteronormative context.

Tags: Sexuality, photography, Robert Mapplethorpe, Visual Arts

Sumário

INTRODUÇÃO-----	08
 CAPÍTULO 1: GENERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA-----	10
1.1 A escola como principal instrumento de democracia-----	10
1.2 O papel da escola nas discussões de gênero e sexualidade-----	14
1.3 O ensino de Arte como elemento de reflexão sobre as questões de gênero -----	15
 CAPÍTULO 2: A FOTOGRAFIA E A POÉTICA DO DESEJO -----	18
2.1 A arte contemporânea e a fotografia-----	17
2.2 A representação artística sobre a sexualidade humana-----	19
2.3 Robert Mapplethorpe-----	24
2.4 Análise das obras de Robert Mapplethorpe-----	25
 CAPÍTULO 3: A ARTE-EDUCAÇÃO E A CULTURA VISUAL -----	32
3.1 Cultura visual uma reflexão crítica -----	32
3.2 A questão da Moralidade na educação-----	35
 CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	37

Relação de Imagens

1.	Imagem rupestre-----	20
2.	Vênus de Willendorf-----	20
3.	Afresco achado em Pompéia-----	21
4.	Tempo de Khajuraho -----	21
5.	Giulio Romano -----	22
6.	O Centro do Mundo-----	23
7.	A origem do Mundo -----	23
8.	Autorretrato 1980 -----	26
9.	Ajitto 1981-----	27
10.	Thomaz 1987 -----	27
11.	O homem em um terno de poliéster 1980-----	28
12.	Patti Smitt 1978-----	29
13.	Autorretrato 1978-----	29
14.	Jim e Tom Sausalito 1978-----	30

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema a questão do gênero/sexualidade e suas manifestações nas artes visuais, usando a leitura de imagens fotográficas como elemento de apropriação do exercício do olhar crítico e reflexão dos papéis relacionados ao tema. Entende-se que escola deve abrir espaços para a discussão de questões que corroborem para a formação de um pensamento/ação que respeite a individualidade. Partindo desta premissa o objetivo deste trabalho é abordar o tema sexualidade tendo como foco a representação das poéticas do desejo por meio de obras artísticas de Robert Mapplethorpe.

Busca-se analisar a postura da escola diante do princípio básico da educação, formar o aluno em sua plenitude. Os conceitos de gênero e sexualidade, são relativamente novos dentro de nossa sociedade, surgiram no início do século XIX. Neste período autores se dedicaram a pensarem sobre as interferências da sexualidade na formação humana, entre eles Freud, que demonstra por meio de estudos clínicos, as relações entre a sexualidade e o comportamento humano.

A década de 1960 é considerada um marco histórico, os movimentos feministas que tiveram auge nesta década, trouxeram contribuições e reflexões no que tange aos direitos das mulheres serem donas de suas ações sexuais, e de poderem fazer uso do controle de natalidade através de pílulas anticoncepcionais. Neste mesmo período Michael Foucault também contribuiu com seus estudos sobre sexualidade. Diante de uma sociedade em que o olhar está direcionado para o comportamento humano, surge espaço para outros debates em torno de temáticas como movimentos gays e lésbicos. Apesar da representação destes movimentos e sua influência na estimulação de estudos científicos concernentes ao tema sexualidade, as discussões atuais sobre gênero e sexualidade ainda são tímidas.

A poética do desejo é analisada através da fotografia. Faz-se um estudo dos caminhos trilhados pela fotografia desde seu uso como elemento imagético de reportagem até sua aclamação como arte. Aborda a representação da sexualidade através da fotografia, as obras de Robert Mapplethorpe são usadas como referencial de análise.

O estudo da cultura visual na sociedade contemporânea, o uso das imagens e suas influências no comportamento humano. Aprender a olhar por meio de um estudo da cultura visual auxilia aos alunos desenvolverem o senso crítico para apreender qual a função de cada imagem e as nuances que existem por detrás das análises imagéticas. A importância do estudo de imagens justifica-se pelo excesso representativo das mesmas. A pesquisa tem como referencial teórico a abordagem sócio-interacionista de acordo com as pesquisas de Vygostky, além dos estudos de Foucault relacionados à sexualidade humana. O pensamento de Judith

Butler e Simone Beauvoir deu bases para sustentar argumentações pertinentes ao tema abordado. Quanto à análise das fotografias e cultura visual, os textos de Ana Mae Barbosa, Fernando Hernández e Belidson Dias dão referenciais teóricos ao trabalho.

CAPÍTULO 1: GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

1.1. A escola como principal instrumento de democracia

A escola é um espaço de construção de conhecimento, de reflexão crítica, que visa o pleno desenvolvimento do estudante em suas condições biopsicossociais. Sendo a instituição de ensino um dos principais elementos de construção social, deve estar preparada para discutir as transformações que assolam a sociedade, sejam estas transformações sociais, econômicas ou culturais. Ao longo da história da humanidade, o papel da escola foi se transformando. Um estudo em torno da história de nossas Constituições nos mostra as conquistas e mudanças que tivemos ao longo dos tempos¹. Atualmente a Constituição de 1988 institui um Estado Democrático destinado a assegurar o exercício de direitos sociais e individuais. "Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à segurança e à propriedade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, 9.394/96² estabelece que a finalidade da educação seja de tríplice natureza³. Tanto a Carta Magna Brasileira com a Lei 9.394/96 têm como princípio instituir uma educação democrática que vise o "pleno desenvolvimento do educando". No entanto a sociedade brasileira tem um contexto histórico marcado pelo autoritarismo: já foi uma sociedade escravocrata, passou por Repúblicas feitas por coronelismo, golpes de Estado, Ditadura. A democracia é um exercício recente na história da nação e a educação brasileira ainda apresenta resquícios desse processo histórico, pois na grande maioria das escolas o sistema de ensino é unilateral⁴ de cunho tradicionalista em que principal função está ligada a transmissão de conhecimento, sem ligação do conteúdo com a realidade vigente. Mesmo com esse resquício, a educação brasileira tem caminhado em busca de importantes resultados na construção de uma democracia efetiva. O processo é lento e exige uma tomada de consciência social. São apenas os primeiros passos em prol de

¹ Nas formas democráticas de governo, a Constituição é o fundamento do direito à medida que, de seu cumprimento, deriva o exercício da autoridade legítima e concedida. Não menos importante é compreender que, ao institucionalizar a soberania popular, o texto constitucional traduz o estado da cultura política da nação. CARNEIRO, P.9 LDB comentada.

² Art.2º lei 9394/96 A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos idéias de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

³ A tríplice natureza da lei 9394/96: visando o pleno desenvolvimento do educando, o preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o mercado de trabalho

⁴ Apenas um julgamento é levado em consideração, apesar da lei 9394/96 em seu artigo 3º inc. III estabelecer como um dos princípios o pluralismo de idéias e concepções pedagógicas. A grande maioria das escolas ainda trabalha sob uma tendência pedagógica liberal.

construção de uma sociedade onde todos são realmente iguais, independente de sua raça, condição social, de seu sexo e orientação sexual.

Atualmente o Brasil tem um dos maiores movimentos sociais de apreço à diversidade sexual, “A Parada Gay”, que ocorre no estado de São Paulo. O Governo Federal tem trilhado alguns caminhos em prol de abrir o debate e garantir o princípio de igualdade a todos os cidadãos brasileiros.

O Ministério da Educação em parceria com outros programas e órgãos entre eles UNAIDS; Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS no Brasil⁵, Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos entre outros, vem elaborando documentos que visam nortear a abertura da discussão nas escolas, documentos estes: como os Parâmetros Curriculares Nacionais, o Programa de Combate à violência e a discriminação de LGBT⁶ e de Promoção da Cidadania Homossexual, o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres.

Estes documentos dão novos rumos para discutir facetas da construção de valores e aprendizagens dentro do contexto sexualidade⁷, ressalta-se que o tema é complexo e de múltiplas dimensões, uma vez que envolve questões filosóficas, religiosas e sociais. Muitas vezes este tema é abordado na escola somente nas aulas de biologia tendo o corpo humano apenas com mero objeto de estudo para o processo reprodutivo. Relegando-se questões importantes relacionadas a possibilidades sexuais-afetivas, as questões discriminatórias de gênero e outros saberes dos quais os alunos tanto anseiam em discutir com os atores escolares.

Em busca dessa formação plena, é importante que a escola proporcione reflexões críticas que possibilitem aos alunos se autoconhecerem, e de se colocarem no lugar do próximo, contribuindo para a construção de um saber que favoreça a emancipação do ser. Portanto a questão do exercício democrático no Brasil vai para além da legislação, pois ela aponta as necessidades transformação de pensamento, de comportamento social, tendo apreço e tolerância às questões: religiosas, raciais, sociais, culturais.

Assim os Parâmetros Curriculares propõem uma educação comprometida com a cidadania tendo como princípios:

Dignidade da pessoa humana:

Implica respeito aos direitos humanos, repúdio à discriminação de qualquer tipo, acesso a condições de vida digna, respeito mútuo nas relações interpessoais, públicas e privadas.

⁵ Em parceria com a UNAIDS e Ministério da Saúde, Ministério da Educação criou o chamado kit anti-homofobia: mais conhecido com kit gay, trata-se de um kit com material de prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis, vídeos e cartinhas informativas. O público alvo seria as escolas públicas do território nacional. No entanto devido às críticas de parlamentares de bancadas católicas e evangélicas que levou o assunto ao debate popular MEC suspendeu a distribuição do material.

⁶ Sigla que corresponde a lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros.

⁷ “A sexualidade é uma das dimensões do ser humano que envolve gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor, reprodução”. (Miriam Abramovay, 2004:26)

Igualdade de direitos:

Refere-se à necessidade de garantir a todos a mesma dignidade e possibilidade de exercício de cidadania. Para tanto há que se considerar o princípio da equidade, isto é, que existem diferenças (étnicas, culturais, regionais, de gênero, etárias, religiosas, etc.) e desigualdades (socioeconômicas) que necessitam ser levadas em conta para que a igualdade seja efetivamente alcançada de uma sociedade homogênea e sim marcada por diferenças de classe, étnicas, religiosas, etc.

Corresponsabilidade pela vida social:

Implica partilhar com os poderes públicos e diferentes grupos sociais, organizados ou não, a responsabilidade pelos destinos da vida coletiva. É, nesse sentido, responsabilidade de todos os construção e a ampliação da democracia no Brasil. (PCNs, 1997:25)

Os PCNs propõem que os docentes com a equipe pedagógica da escola revisem a proposta curricular de ensino da instituição escolar, considerando as mudanças econômicas, sociais que a sociedade brasileira vem passando, criando alternativas para dar espaço de construção de conhecimento crítico referente aos temas sexualidade e gênero⁸.

Durante a vida escolar a criança e adolescente, iniciam as práticas de trabalho em grupo, a percepção das diferenças sociais, religiosas, raciais e também as diferenças de gênero. No entanto a escola, em algumas ocasiões acaba funcionando como um Aparelho Ideológico do Estado⁹. Neste sentido, tende a delimitar papéis, utilizando símbolos, cores, vestimentas e apontando lugares de acordo com o sexo, chegam a separar atividades desportivas não de acordo com as habilidades é sim de acordo com o sexo. A reprodução do modelo heterossexual feita na escola inibe e reprime a vivência da sexualidade de crianças e adolescentes. Guacira Lopes Louro¹⁰ retrata esse processo:

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. (Louro, 1997a: 57)

Um dos primeiros passos na discussão da questão da sexualidade no espaço escolar é ter essa percepção da reprodução de estereótipos que a escola efetua, para assim poder aprofundar a reflexão crítica do processo. A atuação do professor é suma importância na construção de estratégias que visem intervir nesses conflitos, e propor atividades de facilitem a compreensão dessas diferenças. Louro sugere que “o (a) educador (a) invente novas formas de dividir grupos, promova debates sobre representações encontradas nos livros didáticos,

⁸ De acordo com a filósofa pesquisadora Judith Butler: o conceito de gênero é culturalmente construído, distinto do de sexo, como naturalmente adquirido.

⁹ O filósofo francês Louis Althusse, em sua obra Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado, demonstra que a escola, ao mesmo tempo em que ensina, reproduz a ideologia dominante.

¹⁰ Profª doutora, fundadora (GEERGE Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero).

revistas, filmes etc. recriando os textos numa perspectiva não-sexista.” Cabendo ressaltar que as intervenções vão muito além das intervenções didáticas, elas devem permear as questões afetivas, pois afetam o emocional das pessoas.

1.2. O papel da escola nas discussões de gênero e sexualidade

Mesmo tendo a percepção da escola como espaço democrático, há uma constante dialética entre o processo emancipatório que a escola deve construir e as dores emocionais que são construídas no espaço escolar. Não podemos deixar que as teorias pedagógicas, nos obscureçam diante das manifestações de violência física e simbólica¹¹ que ocorrem na escola. Abrindo espaços para a discussão, reflexão e ação sobre as questões tangentes a promoção de uma educação libertadora e não-sexista.

Apesar de sermos um povo conhecido pela tolerância e cordialidade, o Brasil apresenta fortes características de uma sociedade machista de cultura patriarcal. A violência contra as mulheres e homossexuais está muito presente em alguns momentos de forma explícita, e em outros de forma subliminar na forma de piadinhas ou brincadeiras de gosto duvidosas. “A heteronormalidade, processo de construção do sujeito compulsoriamente heterossexual que se faz acompanhar pela rejeição da homossexualidade” (LOURO 1999b: 25). Esse processo faz com, que tendamos a dizer que os papéis do feminino e do masculino em nossa sociedade são vistos de forma única sendo reproduzidos na escola, não existindo espaço para outras orientações sexuais. É importante ressaltar que as características do gênero não são fatores biológicos, a pesquisadora Margarete Mead relata essa observação em sua pesquisa:

A pesquisadora e Antropóloga Margarete Mead (1935), revelou em suas obras que as características psicológicas que as sociedades ocidentais estão habituadas a ligar à masculinidade e à feminilidade existem independentemente do sexo, em sociedades primitivas. Dentre algumas tribos da Nova Guiné, os ARAPECHS, a pesquisadora observou que a personalidade ideal, tanto para homens como para mulheres, é dócil, não agressiva, colaboradora. Outra Tribo a dos MUNDUGUMOR, viu que a violência e a agressividade são traços de personalidades valorizadas quer para o marido, quer para a mulher, e dentre a tribo dos TCHAMBULI, observou que as mulheres são o elemento frio, dominador, impessoal e dirigente, enquanto os homens são emocionalmente dependentes.¹²

¹¹ A questão da violência física e simbólica nas escolas não é um fenômeno novo, contudo Sposito *apud* Sousa relata que a partir de 1980 ocorreram às primeiras pesquisas sobre violência escolar no Brasil, o objetivo do estudo era predominantemente expor as questões do vandalismo e depredações. Em 1990 Charlot passa a analisar a violência nas escolas considerando a natureza do fenômeno, tendo como análise na só a ação, mas a capacidade dos gestores da escola de suportar, lidar e criar situações conflitos ligados a cultura escolar. (SOUZA, Liliane, 2012:12)

¹² <http://www.uel.br/seed/nte/sugestoesparagenero.html>

O que ocorrem nessas sociedades é a compreensão do comportamento sexual. Tal compreensão traz pré-estabelecidas as condutas sexuais aceitáveis ou negadas no âmbito social, findando por limitar e impor fronteiras à sexualidade humana. Isso gera em determinados âmbitos, desigualdades advindas da dominação masculina e da hegemonia da heterossexualidade.

O modelo biomédico¹³ é fator primordial na compreensão algumas faces do preconceito no ambiente escolar, muitas vezes a escola configura-se como local de opressão e discriminação, “Junqueira relata esse processo discriminatório que ocorre nas escolas, os homossexuais são considerados: “estranhos”, “inferiores”, “doentes”, “pervertidos”, “criminosos” “contagiosos”, estes apelidos pejorativos são referidos todos aqueles e aquelas que não se sintonizam com o modelo valorizado pela heteronormalidade”.

Louro atribui à escola a responsabilidade de explicar as identidades sociais de forma definitiva em suas proporções, imposições e proibições. Portanto não podemos continuar contribuindo com esse processo de reprodução, entre as diretrizes educacionais que a escola tem, uma delas é nortear práticas que visem à implementação de ações voltada para o respeito e a não discriminação.

Refletir sobre realidade dos gêneros vivenciada na escola, leva ao debate e a discussão sobre os papéis do masculino e feminino. Instigam assim alunos a buscarem e transmitirem novos conhecimentos através de uma análise sobre gênero. Oportunizando uma visão mais criteriosa para a questão da homofobia nas escolas.

1.3. O ensino de Arte como elemento de reflexão sobre as questões de gênero

Considerar a prática pedagógica do ensino de Arte com elemento sensibilizador a uma nova forma de ver as relações humanas por meio da sexualidade, utilizando as imagens, fotográficas nos possibilita rever nossos conceitos de mundo artístico. Auxiliando a construção sobre a análise do desejo e as reflexões acerca das relações com as esferas sexuais. Para tal abordagem é preciso estar preparado para enfrentar questionamentos, pois a educação brasileira tem cunho moralista, fruto de uma educação herdada da Igreja Católica¹⁴. As

¹³ O modelo biomédico é marcado por uma leitura biologizante de sexualidade e das relações entre homens e mulheres. Tal modelo exclui a dimensão cultural e política sempre presente no processo de torna-se homem ou mulher, na forma como as pessoas vivenciam a própria sexualidade.

¹⁴ Saviani divide a história da educação brasileira em seis períodos: o primeiro é marcado pela chegada das missões jesuíticas ao Brasil período que vai de 1549 até 1759, com expulsão das missões jesuíticas pelo Marques de Pombal, inicia a segunda fase da educação brasileira instituindo a Reforma de Pombal, o terceiro período consiste nas primeiras tentativas de se organizar a educação como responsabilidade do poder público. 1890-1931

discussões relacionadas à sexualidade no universo escolar é tema delicado, pois tocam em questões filosóficas de todos os personagens da escola: direção, professores, pais, alunos. (Aquino *apud* Abramovay, 1999b: 35) observa que: “no imaginário de pais, professores e alunos, a díade educação/sexualidade é, quase invariavelmente, um ingrediente exótico de uma receita, ao final indigesta.” A representação da escola como mero espaço de transmissão de conhecimento¹⁵, sem relação com as questões multidimensional¹⁶, ainda é muito presente na visão de alguns membros da comunidade escolar.

O Ensino de Artes visa analisar, refletir e compreender as manifestações sócio-culturais por meio das representações artísticas. Com base na teoria sociocultural construtivista, propõe-se analisar o papel da escola na construção do gênero/sexualidade tendo como estudo performático a fotografia. Abordar esse tema em consonância com a arte-educação exige uma análise profunda das implicações da subjetividade a qual os alunos estão constantemente inseridos. Qual o papel da escola na construção de estereótipos? Como a escola pode contribuir para o discurso da autonomia e do respeito às diversidades?

A teoria sociocultural¹⁷ trata-se de uma abordagem interacionista, onde o sujeito apreende através da reflexão sobre o meio em que vive. Segundo Vygotsky a aprendizagem ocorre por meio das relações sociais.

Esta perspectiva teórica é orientada por dois princípios básicos: a) o papel constitutivo dos contextos socioculturais em relação o desenvolvimento individual; e b) o papel ativo do sujeito em relação ao seu desenvolvimento, bem como a relação aos contextos estruturados nos quais se insere. (Madureira¹⁸, 2007a: 27)

A participação é outro elemento crucial na apropriação do conhecimento. Assim diante desta perspectiva teórica deve-se analisar como a arte-educação pode contribuir para a construção de uma sociedade que respeite as diferenças de gênero e sexualidade.

O contexto histórico da arte-educação está pautado em movimentos sociais, nas manifestações artísticas, na história e na cultura de um povo. Neste exercício de análise crítica

marcado pela criação de escolas primária. 1931-1961 definiu-se pela regulamentação em âmbito nacional, das escolas superiores, secundárias e primárias. De 1961 até os dias atuais unificação e regulamentação da educação nacional abrangendo a rede pública. Estes períodos representam mudanças na configuração da história da educação brasileira, entretanto são todos marcados pelo moralismo.

¹⁵ Paulo Freire denomina essa representação como educação bancária.

¹⁶ Questões presentes na condição humana: cognitiva, emocional, sócio-política e cultural.

¹⁷ Remete-se a *Lev Semenovitch Vygotsky* o principal pesquisador dessa corrente, põe ênfase na explicação da atividade humana enquanto processo e resultado das vivências em atividades socioculturais compartilhadas, compreende as práticas de aprendizagem como atividade situada em um contexto de cultura, de relações, de conhecimento. (DANIELS, 2003)

¹⁸ Ana Flávia Madureira: Doutora e psicologia pela Universidade de Brasília, pós-doutorada na *Universidad Autónoma* de Madrid- Espanha.

por meio da Arte, a fotografia nos permite uma aproximação com os educandos, uma vez que ela faz parte do cotidiano dos mesmos, e usar as novas tecnologias nas artes visuais permite ao professor uma maior interação como professor/aluno.

No momento a cultura visual está profundamente arraigada nos hábitos dos jovens¹⁹. O ensino da arte-educação tem papel fundamental para a colaboração da construção de um olhar visual crítico por meio das relações entre o corpo, a imagem e a identidade sexual e permite trazer a tona questionamentos filosóficos sobre a relação corpo-imagem. O que elas representam? Como o contexto histórico influencia na produção e apreciação de uma fotografia como obra de arte? Tais apontamentos auxiliam aos alunos perceberem a importância da cultura visual e a capacidade que a arte tem de questionar valores vigentes em um determinado período histórico.

¹⁹ O uso constante de celulares com câmeras digitais e o uso de redes sociais, tornou o uso de imagem muito presente na vida das crianças e adolescente.

Capítulo II: A FOTOGRAFIA E A POÉTICA DO DESEJO

2.1. A arte contemporânea e a fotografia

“A fotografia surgiu no século XIX²⁰, aproveitando-se de uma crise profunda da verdade, de uma perda da credibilidade, que atingiu os modos de representação em vigor, fosse textos ou desenho.” (Rouillé, 2009a: 26²¹). Da metade do século XIX até o período pós-guerra²² a fotografia foi o principal de recurso documental dos registros históricos. (Barnes *apud* Reddig, 2012a: 2) afirma que a fotografia tem o papel de portadora de uma mensagem visual que pode ser vivenciada, lida e compartilhada de forma a favorecer que o homem veja a si e aos outros homens, por mais de um século a fotografia tornou-se corresponsável pelos registros imagéticos de fatos históricos e sociais. Tida como a “retina do perito”²³, a fotografia então passa ser uma imagem fiduciária²⁴. Essa concepção se mantém até a Segunda Guerra Mundial. No período pós-guerra a fotografia documental enfrentou, certo declínio devido à expansão da televisão.

A fotografia é uma arte? Esse questionamento deu início a uma discussão que durou grande parte do século XX, a fotografia passa a ser elemento de discussão entre ser ou não ser arte.

As relações entre fotografia e arte sempre alimentaram as mais vivas controvérsias. Tanto é que a história da fotografia é marcada por uma série de tomadas de posição a favor ou contra a assimilação da fotografia pela arte, umas e outras, todas igualmente peremptórias. Por ingênua que, seja a famosa questão “fotografar é uma arte? Resumiu durante muito tempo às principais questões dirigidas a fotografia. (Rouille, 2009b: 301)

²⁰ Não há uma data precisa para o surgimento da fotografia uma vez que ela foi fruto de um conjunto de técnicas desenvolvidas em diferentes tempos. No entanto em 1826, fruto do resultado da conjugação dos trabalhos de Joseph Niepce e Daguerre surgiu a primeira fotografia conhecida nos parâmetros atuais.

²¹ André Rouillé é professor assistente na Universidade de Paris VIII. Publicou várias obras a respeito da fotografia.

²² Nos Estados Unidos a revista *Life* para de circular em dezembro de 1972 e, com ela, desmorona-se o domínio da fotografia na imprensa do pós-guerra. Uma etapa foi transposta: a fotografia-documento vai ter de abandonar muitos de seus bastiões, dividir seu reino, e enfrentar uma dura concorrência. (Rouille, 2009:138)

²³ Essa função de ferramenta científica é consagrada, em 1878, pela famosa fórmula do astrônomo Jules Janssen, membro e diretor do observatório de Meudon, para quem a fotografia é a verdadeira retina do perito. (Rouille, 2009: 122)

²⁴ Em direito como em economia, o termo fiduciário designa a confiança e a fé, sem as quais nenhum contrato ou troca seriam possíveis. (Rouille, 2009:59)

No entanto os campos de expressões da fotografia tem sua relativa autonomia, e jamais cessaram em suas origens. Diante desta discussão sobre a fotografia e a arte Baudelaire²⁵, reprovava duramente a fotografia artística.

Se for permitido à fotografia substituir a arte em qualquer uma dessas funções, ela logo será totalmente suplantada e corrompida, graças à aliança natural que encontrará na tolice da multidão. É preciso então que ela retorne ao seu verdadeiro dever, que é ser serva das ciências e das artes, a mais humilde das servas, como a imprensa e a estenografia, que nem criaram e nem suplantaram a literatura. Que ela enriqueça rapidamente o álbum do viajante e devolva a seus olhos a precisão que faltava a sua memória, que ela ornamente a biblioteca do naturalista, amplie os animais microscópicos, ou mesmo, que ela acrescente ensinamentos às hipóteses do astrônomo, seja enfim a secretária e o guarda-notas de quem quer que precise, em sua profissão, de uma absoluta precisão material, até aí, nada melhor. Que ela salve do esquecimento as ruínas decadentes, os livros, as estampas e os manuscritos que o tempo devora, as coisas preciosas cujas formas irão desaparecer e que pedem um lugar no arquivo de nossa memória, ela terá nossa gratidão e será ovacionada. Mas se lhe for permitido usurpar o domínio do impalpável e do imaginário, tudo aquilo que apenas tem valor porque o homem lhe acrescenta alma, então, que desgraça a nossa (Baudelaire, *apud* Souza; 1859)

Tanto a pintura como a literatura dependiam de mecenas, a fotografia artística tem seu processo de criação mais independente tendo assim certa autonomia. O que contribuiu para o trabalho do artista fotógrafo. Rouille faz uma diferenciação clara entre o fotógrafo comercial que tem um foco e um objetivo comercial, e o fotógrafo artista que baseia seu trabalho na fratura cultural, social e estética. Seu procedimento não se baseia em valores técnicos e econômicos. Essa discussão entre o artista fotógrafo e o fotógrafo comercial teve grande importância na construção da fotografia como arte. Um longo caminho que durou um século e meio.

A fotografia passou a ser considerada Artes Visuais por volta dos anos de 1970, fruto da cultura fotográfica. Em 1980 na Bienal de Veneza o termo arte-fotografia foi amplamente discutido, diante do estado de esgotamento da pintura pura, “aos poucos a fotografia foi contribuindo para preencher o vazio deixado pela pintura pura, sendo considerada também uma performance artística”. (Rouille, 2009c: 306)

2.2. A representação artística sobre a sexualidade humana

As relações entre o desejo e cultura visual há muito encontram-se, desde os primórdios da história da humanidade o homem usa figuras para representar seus desejos mais profundos.

²⁵ Charles Baudelaire (1821-1867) Foi um dos maiores exemplos de opositores da fotografia como obra de arte. Ao criticar duramente a fotografia, Baudelaire acreditava que dava um grande passo para salvar a pintura da catástrofe. (Ramos, 2009:131)

“O homem já nos tempos primitivos, quando executava suas pinturas rupestres nas paredes das cavernas, contava sua história por meio da arte” (Norberto Stori²⁶, 2006a: 14). Ressalta-se que a representação da sexualidade nos primórdios da história da humanidade não apresentava o caráter repressivo que temos hoje, o sexo e sua representação na pré-história e antiguidade de acordo com a interpretação de historiadores, está muitas vezes ligada à reprodução, fertilidade e a vida. Um exemplo desta representação é a Venus Willendorf, considerada como a Deusa da Fertilidade, ao observamos a peça percebemos um cuidado do artista em exaltar os seios e genitais.



Figura 1. Imagem rupestre de cenas de sexo nas cavernas; São Raimundo do Nonato-PI

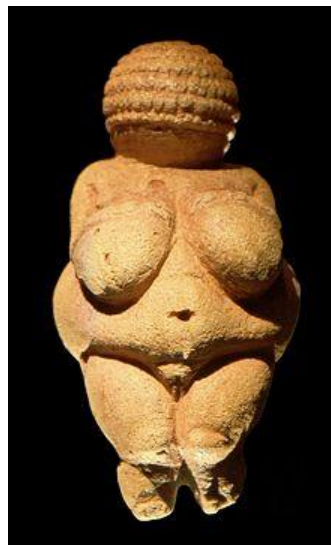


Figura 2. Vênus de Willendorf

As culturas grega, romana e indiana abordaram o tema sexualidade como sagrado, tendo suas representações artísticas apresentadas por meio de esculturas, pinturas, livros, rituais.

²⁶ Norberto Stori: Mestre/Doutor-Universidade Presbiteriana Mackenzie/Professor Adjunto do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista.



Figura 3. Afresco achado em Pompéia destruída pelo vulcão Vesúvio no ano 79 A.D.



Figura 4. Templo Khajuraho

Observa-se que a questão da homossexualidade²⁷ é uma prática comum, nas culturas antigas. Na Idade Média devido à influência da Igreja Católica, houve uma redução de representações artísticas em torno do tema. Apesar da forte repressão é neste período que surgem vários escândalos relacionados a sexualidade e a Igreja Católica. No campo artístico segundo (Gombrich 2005a: 134) a arte medieval é repleta de expressões estéticas religiosas. Já no campo literário segundo Jorge Leite Junior²⁸, os textos de cunho extremamente eróticos e cheios de gravuras²⁹ com temas relacionados à obscenidade, surgiram no século XVI, tinham função social e política, pois questionaram o modo moralista que a Igreja Católica impunha a sociedade deste período, estes textos eróticos propiciaram o aumento do uso de novas tecnologias de impressão, causando o seu barateamento. O italiano Pietro Aretino é considerado o marco da escrita pornográfica. Seus livros *Sonetos Luxuriosos* (1527) e *Ragionamente* (1534-1536) representam os antecedentes do que hoje consideramos

²⁷ A prática é antiga funde-se com a história da humanidade. No entanto segundo Foucault o termo homossexual tem data de nascimento 1870 com o artigo de Carl Westphal: *As Sensações Sexuais Contrárias*.

²⁸ Autor do livro *das Maravilhas e prodígios sexuais a pornografia "bizarra" como entretenimento*.

²⁹ Giulio Romano artista que fez uma série de 16 gravuras para os livros de Aretino. A série acabou sendo confiscada pela Igreja Católica em 1524.

pornografia moderna. A partir de seus textos, o uso do sexo como fruto de diversão popular, os conhecimentos adquiridos em prostíbulos, a nomeação de órgãos genitais começaram a se incorporar no universo popular.



Figura 5 Giulio Romano. Gravura do século XVI

Durante Renascença³⁰ até o século XX, a história da arte nos propicia visualizar uma gama de imagens relacionada à questão, Segundo Jorge Leite Junior³¹:

Apenas os grandes mestres da pintura tiveram suas obras sensuais reconhecidas, como Agnolo Bronzino (Venus e Cupido 1540-5), a Escola de Fontainebleau (Gabrielle d'Estress e Uma das suas Irmãs 1595), Caravaggio (Amor Vitorioso-1602), Francisco Goya (A Maga Nua-1800) e Eugène Delacroix (A Morte de Sarnapalio-1827), entre tantos outros. (Junior, 2006a: 69)

Estas obras citadas apresentam temas relacionados à mitologia greco-romana, ou judaico-cristã, perderam o cunho de arte erótica³², e hoje são contempladas apenas pela sua beleza e técnica desenvolvida. Nem todos os artistas que representaram a arte erótica, foram reconhecidos nos salões culturais um exemplo é a obra, O centro do Mundo, de Jules Adolphe Chauvet, considerada extremamente pornográfica. O Artista tão talentoso quanto aos seus contemporâneos teve seu trabalho pouco reconhecido e acabou caindo no esquecimento. Em 1866, Gustav Coubert, fez uma releitura da obra Chauvet e intitulou de A Origem do Mundo, apesar de ter chocado por sua característica de realidade, figurou com mais aceitabilidade no mundo da arte.

³⁰ Movimento iniciado na Itália, segundo Hauser apud Hargreves (2003:333), no Renascimento, a concepção científica de arte, que forma a base da instrução nas academias, se inicia com Leon Batista Alberti. Ele é o primeiro a expressar a idéia de que a matemática é a base comum das artes e das ciências.

³¹ Jorge Leite Junior: Professor Adjunto do Departamento de Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. Atua nas áreas de sociologia urbana, sexualidade, gênero, comunicação e arte.

³² Arte erótica: forma de manifestação artística que envolve erotismo.

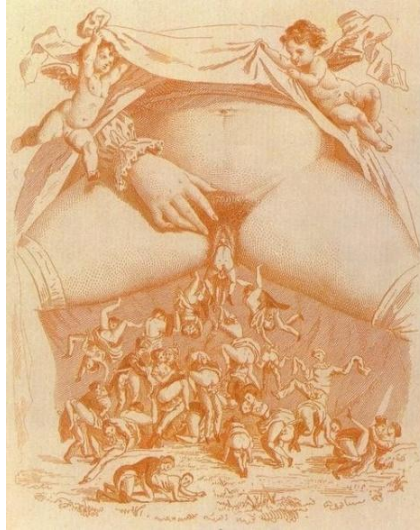


Figura 6. O Centro do Mundo - 1848



Figura 7: A Origem do Mundo - 1866

No entanto é na arte contemporânea que essas representações têm maior efervescência. Os grandes nomes desse período têm algumas de suas obras citadas como arte erótica entre eles Matisse, Picasso, Salvador Dalí, Gustavo Klimt e tantos outros.

Nas últimas décadas do século XX, movimentos ligados à igualdade de gênero e pelo respeito à diversidade sexual, influenciaram nas produções das artes visuais. No final da década de 60 as produções de imagens voltadas ao público homossexual tiveram um aumento significativo. Cesar Alves de Meira Filho³³ ressalta essa concepção em seu texto:

Especialmente as questões de gênero, sexualidade e desejo são encontradas em narrativas artísticas norteadas pelo cruzamento de fronteiras, tais como as obras de Keith Haring, Francis Bacon, David La Chapelle, Alair Gomes, Tom of Finland, Gilbert & George, Pierre & Gilles. Esses artistas se voltaram para a temática da sexualidade, mais especificamente da homossexualidade, na elaboração de suas

³³ Professor de Arte da rede pública estadual do Paraná. Finalizou em 2011 a Pós Graduação Especialização em Artes e Ensino das Artes na FAP

poéticas, se valendo da Arte como representação de suas indagações, de seus conflitos, de seus desejos. (Filho, 2009a: 4)

Na década de 1980, Robert Mapplethorpe, conquistou reconhecimento através de seu trabalho de cunho erótico. As questões sexuais por ele apresentadas, eram inovadoras por tocar questões pouco levantadas até os dias atuais e seus trabalhos tinham uma estética considerada por alguns críticos perfeita.

2.3. Robert Mapplethorpe

Robert Michael Mapplethorpe³⁴ nasceu em quatro de novembro de mil novecentos de quarenta e seis, no Queens subúrbio Nova Iorque. Harrey e Joan Mapplethorpe, seus pais, viviam em um conjunto habitacional chamado Floral Park, o bairro era bastante tranquilo, constituíram uma família formada de seis filhos sendo Robert o terceiro. Robert Mapplethorpe tinha sérios problemas de relacionamento com o pai, desde pequeno teve dificuldades de adaptação à educação de cunho extremamente moralista e religioso que os pais lhe impuseram.

Quando criança começou a produzir desenhos, que apesar de sua habilidade, tinha o hábito de produzir madonas, no entanto as imagens eram grosseiras. (Morrisroe³⁵ *apud* Silveira2011a³⁶) nos relata esse processo de produção: “Não eram lindas madonas do gênero Botticelli (...), mas criaturas grotescas com perfis recortados. Suponho que fossem madonas, mas havia algo de perturbador no modo com que ele partia seus rostos”. Ainda na adolescência Mapplethorpe começou a descobrir os caminhos de sua orientação sexual tendo predileção por revistas tanto masculinas como femininas.

Em 1963 ingressou no Pratt Instituto no curso de arte, neste mesmo ano decidiu sair da casa de seus pais e alugar um apartamento. Seus trabalhos iniciais foram influenciados por Joseph Cornell e Marcel Duchamp. Foi no Instituto que Mapplethorpe iniciou o hábito de vestir peças estranhas e consumir drogas³⁷, dependência que o acompanharia por toda a sua vida.

Em 1970 adquiriu uma câmara Polaroid e a partir de então decidiu fotografar e incorporar novas imagens em suas fotografias, uma espécie de montagem. Em 1970 conheceu

³⁴ Fonte das informações: *The Robert Mapplethorpe Foundation*

³⁵ Patrícia Morrisroe: Uma das principais autoras bibliográficas de Robert Mapplethorpe.

³⁶ Juzelia de Moraes Silveira: mestre em arte defendeu a tese: Robert Mapplethorpe diálogos e olhares sobre a sexualidade na arte contemporânea.

³⁷ Robert fez uso das mais variadas drogas maconha, cocaína, anfetaminas, LSD.

Patti Smith³⁸, o relacionamento durou dois anos. Após o fim do relacionamento com Patti, Robert Mapplethorpe assumiu sua homossexualidade e decidiu viajar para São Francisco³⁹ libertando-se de todas as repressões, se entregando à liberdade sexual. Neste período entrou em contato com a cultura *gay* e o sadomasoquismo.

Por toda a década de 1970, o artista trabalhou com fotografias e montagens, sem rigor técnico. Em 1972 conheceu Sam Wagstaff⁴⁰, com quem teve um relacionamento e que influenciou fortemente sua carreira.

A década de 1970 representa uma década de luta para reconhecimento de seu trabalho; Somente na década de 1980 seu trabalho passou a ser aceito, foi neste período que conheceu definitivamente a fama. Fez muitas exposições e teve suas obras expostas em vários catálogos e livros. Também nos anos oitenta conheceu as mazelas causadas pela Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, SIDA. Foi internado várias vezes e a doença influenciou seu trabalho. Após ser diagnosticado, passou a trabalhar uma temática erótica de tendência heterossexual. Morreu em dezesseis de março de 1989, aos quarenta e dois anos, no auge da fama.

2.4. Análise das obras Robert Mapplethorpe

As obras de Mapplethorpe causam admiração⁴¹ e repulsa, ao ponto de serem caçadas pelo Senado Americano. Suas obras não retratam momentos mecânicos, elas proporcionam um realismo, tocam em questões não convencionais e são possíveis situações vivenciadas pelo artista. Para (Barther *apud* Silveira 2011b:32) “ao fazer (re) aparecer à espessura material de realidade, é a intensidade da mesma coisa” no momento da contemplação o espectador entra na imagem real, causando assim repulsa ou admiração.

Na obra de Mapplethorpe, que traduz ideologias e aspectos psicológicos do artista, as situações fotografadas parecem contar a vida sexual do artista, bem como apontar suas concepções acerca da sexualidade. Esta, colocando-se entranhas aos olhares mais conservadores, e até mesmo, aos que não se percebiam como tal. (Silveira, 2007b: 50)

³⁸ Patti Smith, era cantora de rock, após o fim do relacionamento se tornaram amigos. Essa relação afetiva de amizade durou por toda a vida.

³⁹ Após anos de intensa repressão homossexual, São Francisco havia se tornado uma cidade onde se encontrava grande liberdade sexual.

⁴⁰ Sam Wagstaff curador e colecionador de arte.

⁴¹ Robert Mapplethorpe fez fotos de cunho erótico, porém extremamente sensível exemplo as fotos de flores, os nus femininos e masculinos.

Seu trabalho é considerado provocativo com uma carga carnal⁴² transgressora para grande parte dos admiradores. O crítico de arte germano Celante escreveu sobre uma de suas exposições “... o que ele [Mapllethorpe] retrata é a exuberância de uma arte de amar que, buscando o prazer por si mesmo, ignora qualquer diferença entre amor e perversão, ativo e passivo, dominante e dominado (Celand apud Mezan, 1989a: 56) ⁴³”.



Figura 8. Autorretrato 1980

⁴²Expressão usada na *The Robert Mapplethorpe Foundation*

⁴³Informações retiradas da tese de mestrado de Juliana Sandenberg Zelner Gonçalves

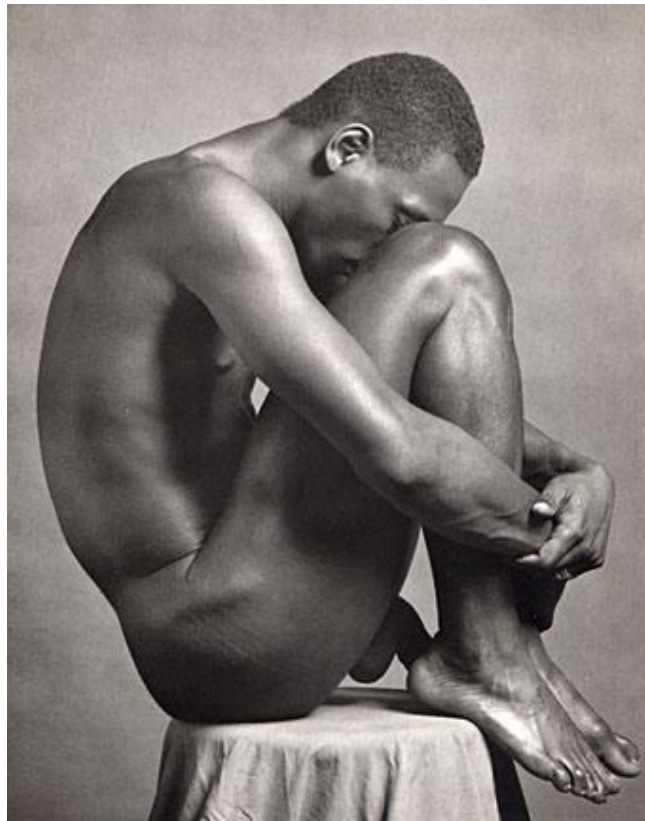


Figura 9. Ajitto, 1981



Figura 10. Thomaz 1987

Mapplethorpe utiliza a linguagem fotográfica para estimular interpretações mais ousadas, sem censura, o que acaba causando incômodo. Ignora os padrões ditos sociais. Há

evidentes diferenças em suas obras de nu feminino e nu masculino. Robert tinha uma predileção por nu masculino negro, ao ser questionado respondeu: “A forma fica bonita no negro. É como bronze”⁴⁴. Na obra “Thomas 1987” utilizou poses clássicas de concentração, exaltando as formas masculinas. Eva Kernbauer, especialista em história da arte da Universidade de Artes Aplicada de Viena, afirma: “A nudez feminina nunca foi representada como ameaçadora, mas sim como vulnerável. Já a nudez masculina costuma incluir exposição dos órgãos sexuais e reflete o modelo clássico de agressão e força.” Há erotismo em grande parte das obras do artista, mas como afirma (Kernbauer, 2001:56) a representação do falo era sempre exaltada em suas fotografias, apresenta um viés sexual, tanto nas imagens sadomasoquistas⁴⁵, como nas imagens de flores. São expressões que impressionam pela realeza da imagem, como é possível tornar uma flor algo de cunho sexual. Coisa que só a arte pode fazer são expressões da subjetividade⁴⁶ de quem produz a obra.



Figura 11. O homem em um terno de poliéster, 1980

Analisando o período histórico da produção de suas obras, há de se considerar que a “década de 1970 foi à década do início da expressão homossexualidade. Surgiram neste período muitos movimentos de militância LGBT. Concomitante a esse processo não deixou

⁴⁴ Fonte: Renato Mezan

⁴⁵ Sadismo Prazer sexual ao perceber sofrimento alheio. Masoquismo prazer sexual ao sentir dor.

⁴⁶ Características do sujeito; aquilo que é pessoal, individual, que pertence ao sujeito e apenas a ele.

de ser um período de grande repressão e negação das sexualidades não-normativas (Hocquenghem apud Pelúcio&Álvaro, 2003a: 5)” Parte das fotografias de Mapplethorpe retratam sua orientação sexual seus questionamentos, as questões heteronormativas.



Figura 12. Patti Smitt 1978



Figura 13. Autorretrato 1978

Em o autorretrato de 1978 ao olhar para câmara, com um olhar natural introduz um chicote que alude a um chicote de utilizado em práticas sadomasoquismo. A análise desta obra inicia-se um processo reflexivo sobre o diálogo da imagem com o observador.

Pornográfico? Essa foi a real intenção do artista? Apesar de bastante polêmica “a imagem está bem estruturada, demonstra uma proporção gráfica áurea de acordo com a

sequência fibonace⁴⁷”, (Pelúcio&Álvaro, 2003b: 5) e propõe a reflexão. Mezan “afirma que a fotografia pode ser vista como um recurso inconsciente que visa controlar objeto que causa angústia. Isso é realidade através de fantasia em que ele se vê diminuindo, despojado de suas características perigosas.” O que fica evidente é que o simples fato se autorretratar dessa maneira causa repulsa e censura.



Figura 14. Jim e Tom Sausalito 1978

O artista não deixou de expor suas preferências, Morrisroe, comenta que Robert Mapplethorpe passou por constantes internações por sofre de amebíase, doenças que contraiu devido às suas pratica de coprofilia⁴⁸. As parafilias⁴⁹ são práticas antigas na história da humanidade. Várias de suas obras retratam tais práticas, Jim e Tom Sausalito, retrata a urofilia, outras obras com a Bondagem, O Sádico na Sala de Estar, Helmut e Brooks, reforçam a necessidade do fotógrafo de retratar tais práticas. Evidentemente não são hábitos comuns, realizados por um grande grupo, no entanto, ressalta-se que essas ações também não pertencem somente ao grupo dos homossexuais, são manifestações sexuais do desejo, não existindo rótulos a grupos sociais. No tocante ao trabalho de Mapplethorpe ele tem a real intenção instigar tais temáticas, sem disfarce. Silveira aborda essa questão

⁴⁷ Sequência Fibonace: é uma sequência de números naturais recursiva pela fórmula.

⁴⁸ Excitação pelo contato com as fezes do parceiro durante o ato sexual.

⁴⁹ As parafilias são atitudes sexuais diferente daqueles permitido pela sociedade. Tais atitudes (exceto pedofilia) podem estar presentes na vida das pessoas sem causar grandes prejuízos. Exemplos voyeurismo prazer em observar ato sexual, bondagem pratica de imobilizar o parceiro, urofilia: prazer sexual no ato de tomar a urina, *fisting*: prazer sexual com a inserção da mão ou antebraço na vagina ou no ânus.

Talvez este seja um dos fatores que fazem de Mapplethorpe um artista tão significativo quando se aborda a sexualidade na arte, o fato de que por mais desprezado e agredido que tenha sido por suas imagens, promoveu a discussão em torno do assunto, dando voz aos seres que não se encontram inseridos dentro dos padrões ditos normais. (Silveira, 2009c: 63)

Robert Mapplethorpe trouxe para o mundo visual, por meio da fotografia, práticas sexuais incomuns, vistas com censura por grande parte das pessoas. O desejo de chocar é evidente em suas retratações, que são usadas como elementos de libertação contra questionamentos e padrões impostos pela sociedade. Imposições estas, já relatadas por Foucault que concebeu a sexualidade como uma construção social basicamente criada para submeter o corpo individual ao controle coletivo da sociedade. Mapplethorpe questiona esse “controle coletivo”. O que é realmente convencional? Entende-se pela interpretação de suas imagens que a sexualidade é vista de outro paradigma, o do prazer e da libertação, sem convenções sociais.

CAPITULO III: A ARTE EDUCAÇÃO E A CULTURA VISUAL

3.1. Cultura Visual uma reflexão Crítica

Na contemporaneidade o uso de imagens se faz muito presente, elas apresentam grande valor, pois podem ser facilmente assimiladas e socialmente reconhecidas por meio da propagação imagética. Interpretar os códigos visuais e suas especificidades é uma necessidade humana, ela faz parte do processo de construção cultural de um povo, o “olhar chega antes da palavra”. (Berger *et al* Litz 2006:21). Desde a mais tenra idade somos estimulados a olhar e interpretar imagens. Compreender a importância e a construção da cultura visual é fundamental para que o professor possa auxiliar os alunos a interpretar as imagens de acordo com a contextualização histórica e crítica da obra.

A cultura visual abrange estudos em diversos campos do conhecimento: História, Filosofia, Linguagens, Publicidade, Artes. Para Kevin Tavin⁵⁰, há três definições para cultura visual podem ser consideradas:

((1) uma condição cultural na qual a experiência humana é profundamente afetada por imagens, novas tecnologias do olhar e diversas práticas do ver, mostrar e retratar; 2) um conjunto inclusivo de imagens, objetos e aparatos; ou 3) um campo de estudo crítico que examina e interpreta díspares manifestações e experiências visuais em uma cultura. (Tavin, 2009a: 226)

A cultura visual estuda as experiências diárias da visualização de imagens e suas implicações no cotidiano social, negando os limites entre o popular e o erudito.

Há uma compreensão que a cultura visual enfatiza: as experiências diárias do visual e move, assim, sua atenção das Belas Artes, ou cultura de elite, para a visualização do cotidiano. Além disso, ao negar limites entre arte de elite e formas de artes populares, a cultura visual faz do seu objeto de interesse todos os artefatos, tecnologias e instituições da representação visual. (Belidson Dias⁵¹, 2006a: 104)

Educar por meio da interpretação de imagens possibilita uma visão crítica abrindo caminhos para a compreensão que conduz o sujeito/aluno a um diálogo de análise constante com as imagens e seus efeitos em nossa sociedade. Observando assim, valores éticos e

⁵⁰ Kevin Tavin: Professor Associado do Departamento de Arte-Educação da Universidade de Ohio, nos Estados Unidos da América.

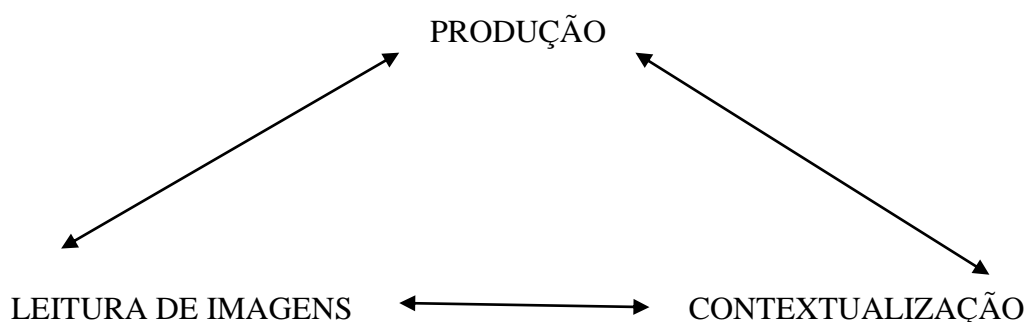
⁵¹ Belidson Dias: Doutor em Estudo Curriculares em Arte Educação, Mestre em pintura pela Manchester *School of Art & Designer*, é professor adjunto do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília.

morais⁵² que estão muitas vezes apresentadas à sociedade de forma subliminar, devemos estimular nossos alunos a ver o mundo com olhar de águia, mais críticos, incentivando-os a deixarem de serem consumidores passivos de cultura a produtores ativos de sua construção cultural.

Sobre a expressão “cultura visual” é importante ressaltar que alguns teóricos utilizam expressões diferentes tais como “cultural visual”, “estudos da cultura visual” e “estudos visuais”, independente do termo usado, o importante é perceber que cultura visual se trata da contextualização de análise de imagens.

A valorização do uso de imagens no ensino da arte começou a ser fecundada na década de 80, quando o termo Arte-educação ganhou força em contraposição ao termo Educação Artística. Na mesma década percebeu-se a relevância entre a apreciação de uma obra e sua compreensão quanto ao processo histórico, sistematizando um posicionamento teórico-metodológico conhecido como Metodologia Triangular, Proposta Triangular ou Abordagem Triangular. Ana Mae Barbosa⁵³ tinha grande preocupação com a questão da contextualização das imagens, sendo importante salientar que a Abordagem Triangular não se trata de um método de ensino: “A metodologia de análise é de escolha do professor. O importante é que obras de arte sejam analisadas para que se aprenda a ler a imagem a avaliá-la; esta leitura é enriquecida pela informação histórica e ambas partem ou desembocam no fazer artístico.” (Barbosa, 2001a: 37)

A Abordagem Triangular é composta de três eixos norteadores: a) a o fazer artístico b) leitura de imagens c) contextualização:



⁵² Moral: Em um sentido restrito a moral diz respeito aos costumes, valores e normas de conduta específica de uma sociedade ou cultura, enquanto a ética considera a ação humana do seu ponto de vista valorativo ou normativo. Hilton Japiassú(dicionário de filosofia 2006:35)

⁵³ Ana Mae Barbosa, educadora brasileira pioneira em arte-educação. Foi diretora do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.

Diante desta perspectiva de análise constante de imagens tendo com princípio a questão do uso das imagens nas artes visuais, Erinaldo Alves do Nascimento⁵⁴ sugere os principais direcionamentos para o ensino das artes visuais na contemporaneidade:

- a) Buscar, disponibilizar e familiarizar imagens de diferentes fontes e matrizes culturais;
- b) Promover visitas a acervos, patrimônios diversos e eventos culturais;
- c) Ampliar a compreensão visual em relação aos cotidianos próximos e distantes;
- d) Atuar como mediador de saberes artísticos, estéticos e imagéticos valorizados pela cultura tradicional, saberes que foram silenciados e saberes que podem ser problematizados para questionar preconceitos e estereótipos;
- e) Amenizar os obstáculos que atravancam o acesso e a familiarização cultural
- f) Analisar as imagens para por dúvidas nas certezas, herdadas do passado, e realçar a permanente necessidade de mudanças voltadas para novas conquistas no presente. (Nascimento, 2009:54)

Diante da efervescência do uso de imagens na sociedade contemporânea, a cultura visual assume papel de grande importância. (Hernandez apud Souza 2011:34) afirma: “Um mundo onde o que vemos tem muita influência em nossa capacidade de opinião, é mais capaz de despertar a subjetividade e de possibilitar interferências de conhecimento do que o que ouvimos ou lemos”. Hernandez ainda afirma que há um grande índice de analfabetos visuais e esse o analfabetismo do século XXI são aquelas pessoas que não sabem construir narrativas com imagens. O papel pedagógico da escola é fundamental neste processo de auxílio aos educandos na interpretação destas imagens. Barbosa nos diz que o importante é analisar as imagens, este é o foco da cultura visual. Kerry Freedman⁵⁵ atribui uma atenção especial no que tange a visão de uma obra, a interpretação e a construção da compreensão da interpretação de imagens.

A diferença entre os contextos da produção e os contextos da visão é crítica e pode influenciar a aprendizagem dos estudantes. As artes de culturas tradicionais, geralmente são recontextualizadas quando apreciadas em contextos contemporâneos. No entanto, as diferenças de fazer e dever não são dados geralmente atenção merecida ao currículo. As imagens, hoje em dia, frequentemente são vistas sem apresentar o contexto de sua intenção original e, geralmente apresentam-se justapostas e imaginárias previamente, desconectadas do contexto original, e que provocam nossas associações de sentidos para este novo contexto. (Freedman, 2003:90)

Neste sentido, ambas as autoras Barbosa e Freedman, nos chamam a atenção para a questão do ver, do olhar, da análise visual, dentro do currículo de artes. O processo de análise

⁵⁴ Erinaldo Alves do Nascimento é doutor em Artes pela Universidade de São Paulo, é professor titular na categoria adjunta, da Universidade Federal da Paraíba.

⁵⁵ Kerry Freedman, professora e Chefe da divisão de Educação Artística na Escola de Arte NIU- Nos Estados Unidos

das intenções, finalidades, interpretações, influências do poder que as imagens visuais provocam na construção das idéias tem sido objeto de discussão de muitos estudiosos na área da arte-educação.

Há autores que discordam do poder que a cultura visual contemporânea tem sobre o ensino da arte, os mais conhecidos pela não aceitação da influencia da cultura visual no ensino da arte/educação são os pesquisadores Louis Torres e Michelle Marder Kamhi:

Ambos os pesquisadores discutem que a educação da cultura visual não tem nenhum lugar na arte/educação porque não articulam claramente uma compreensão de que arte “realmente é”. Contudo, eles também não nos esclarecem sobre o verdadeiro conceito de arte a seguido pelos arte/educadores. (Dias, 2006b: 104)

Além deste temos outros autores que temem análise da cultura visual dentro do ensino de arte por acreditar que os docentes não estão preparados para tratar de tema tão complexo uma vez que essa análise ultrapassa a barreira do ensino da arte. Há um consenso entre os educadores da necessidade de mais estudos na área, o que não impede de usar pedagogias que incentivem a aprendizagem por meio da cultura visual. O caminho a ser percorrido ainda é longo para que se chegue à conclusão e se estabeleça paradigmas quanto ao ensino da cultura visual no ensino da arte.

3.2. A questão da moralidade na educação

No ensino de arte a questão moralidade é objeto de estudo em especial no caso de análise de imagens de representações de gênero e sexualidade, pois projetam discussões que causam impactos na compreensão e visão do uso destas imagens como instrumento de apreciação artística. Temas relacionados às questões tangentes a sexualidade humana, como homossexualidade, o sexo como instrumento de expressão, órgão genitais, enfim o uso da imagem corporal como instrumento de expressão ativa, permite discussões e reflexões que transpassam a questão artística, partindo para abertura de conceitos filosóficos, sociais e religiosos. Toda essa discussão é relativamente nova no ensino da arte, como em todo o currículo escolar. Sendo necessário analisar que até mesmo nos cursos de formação dos docentes há poucas discussões sobre a questão da sexualidade e gênero.

No sistema educacional na forma do Ensino Básico ao Superior, há uma insuficiência de discussões formais sobre sexo, gênero de identidade sexual e sexualidade, excetuando quando esses temas são monopolizados pelos discursos morais, religiosos e médicos do currículo. Isto é absolutamente chocante, dada a ênfase á sexualidade, imagens de gênero e autoexploração nas representações visuais contemporâneas existentes no cotidiano. (Dias, 2006c: 115)

Trabalhar a representação de imagens visuais com temática voltada para a questão da sexualidade, em uma instituição que por anos seguidos silenciou a questão, é um desafio. A análise mais criteriosa das imagens pode fazer com que estudantes que tenham uma educação tradicional considerem-nas imorais e obscenas. Mas este é o desafio do trabalho, refletir o quanto algo é obsceno por ser, e o quanto um determinado grupo foi induzido a acreditar que a manifestação ali visualizada, é de fato, imoral.

O moralismo⁵⁶ presente nas escolas faz com muitos estudantes/professores homossexuais passem por questões discriminatórias por estarem em uma sociedade que não permite a diversidade sexual. O uso de leitura de imagens relacionadas a temas homossexuais parte do esforço de educar para uma cultura visual inclusiva. O trabalho de Robert Mapplethorpe dá referencial para esta linha de trabalho, tanto a contextualização histórica do artista, como na leitura de suas obras que são densas, consideradas pornográficas. E trazem a tona questionamentos filosóficos entre limite da arte, da sensualidade e da pornografia. Sugere-se que as discussões e apreciações das obras sejam feitas com estudantes do terceiro ano do ensino médio.

Nesta fase da adolescência os alunos se encontram diante de conflitos relacionados, não mais a descoberta da sexualidade e sim aos preconceitos tangentes aos papéis masculinos e femininos, aos estereótipos, às questões homoafetivas⁵⁷. Muitos dos estudantes que frequentam a escola, formaram seus conhecimentos relacionados à questão sexual por meio da mídia, de livros e revistas. Quando o assunto é estudado na escola utiliza-se a função reprodutiva como objetivo principal. Sendo assim, urge a necessidade de abrir espaço para uma discussão diferenciada, onde os jovens possam refletir sobre as questões ideológicas, a formação do desejo, o respeito ao próximo, tendo as manifestações artísticas como foco de representação para o debate.

⁵⁶ Em um sentido pejorativo, a supervalorização de uma moral tradicional, que visa valores ditos “socialmente corretos”.

⁵⁷ Termo cunhado pela jurista Maria Berenice Dias, busca realçar que o aspecto relevante dos relacionamentos não é de ordem sexual. Expressão jurídica para tratar de união estável de casais do mesmo sexo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema deste trabalho contribui para analisar as questões relacionadas à diversidade sexual que muitas vezes são excluídas dos processos educacionais, permitindo abertura para uma compreensão de como as imagens oportunizam momentos de discussão e de posicionamentos sobre os dilemas morais, éticos e sociais relacionados ao tema sexualidade.

A arte contemporânea permite a análise crítica da realidade. Usar a fotografia como *“humilde serva da arte”*⁵⁸ e contextualizar essa análise, com a urgência de se dialogar e refletir sobre as angústias relacionadas à sexualidade na adolescência é uma questão que implica preocupações que são de extrema importância na formação do professor de arte-educação.

As obras apresentadas ao longo deste trabalho retratam as diversas formas de manifestações da poética do desejo por meio das artes visuais. Entende-se que a prática docente é política e exige um posicionamento do mesmo frente às questões da diversidade sexual e as subjetividades da condição humana⁵⁹. Nesse sentido a análise das questões sexuais vivenciadas pela sociedade as obras de Robert Mapplethorpe tocam à sensibilidade do espectador, não apenas por abordar a questão sexual em si, mas por apresentar uma estética perfeita ou por abordar questões pouco dialogadas e muito questionadas pela sociedade.

O tema sexualidade inevitavelmente toca em forças contraditórias, pois aborda e discute as forças repressoras da poética do desejo e suas manifestações na vivência e na representação da sexualidade na arte, por meio da análise das obras de Mapplethorpe foi possível perceber o quanto essa discussão transcende a arte, sua obra não se submete a concepções e padrões heteronormativas, sendo de grande valia para contribuir no diálogo sobre a poética do desejo no contexto escolar.

⁵⁸ Termo de Rouillé, Andre.

⁵⁹ Na filosofia política, a expressão “condição humana” tende a suplantir a de natureza humana para designar a situação singular e única de cada homem no mundo (físico e social) e na história.

Referências Bibliográficas

1. ABRAMOVAY, Miriam. **Juventudes e Sexualidades**. Brasília: UNESCO, 2004.
2. _____. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Ed. Vozes 1999.
3. AFRAHI, Shahram. **Representação do masculino nas artes visuais**: performance, pintura, fotografia. (tese de doutorado): UnB, 2012
4. ARSLAN, Luciana Mourão. **Ensino da arte**, São Paulo: Cengage Learnig, 2006.
5. BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no Ensino da Arte**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A 2001.
6. BEAUVIOR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: 1967
7. BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo 2006
8. BUTLER: Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade: tradução Renato Aguiar, Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira.
9. CHAUI, Marilena. **Repressão Sexual**. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1984.
10. COSTA, Zora Yonara Torres. **Safo, Foucault e Butler**: A Constituição do Corpo político lesbiano (Dissertação de mestrado). UnB, 2011.
11. DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico**, Papirus, 1993
12. FOUCAULT, Michael. **História de Sexualidade I**; A vontade do saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984
13. _____. **História de Sexualidade II**; o uso dos prazeres. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984
14. JUNIOR, Leite Jorge. **Das maravilhas e prodígios sexuais a pornografia “bizarra” como entretenimento**. São Paulo, Ed. Annablume 2006.
15. GONÇALVES, Juliana Sandenberg Zelner. **Em torno do vazio: psicanálise e criação artística a partir da análise de Renato Mezan sobre do fotógrafo Robert Mepplethorpe**.
16. LACOSTE, Jean. **A Filosofia da Arte**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar 1997.

17. LOURO: Guaciara Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 1999.
18. _____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Ed. Vozes 1999.
19. _____. **Currículo e sexualidade: o normal, o diferente e o “excêntrico”**. Petrópolis: Ed, Vozes 2003.
20. SILVERA. Juzelia de Moraes. **Robert Mapplethorpe: Diálogos e olhares sobre a sexualidade nas Artes Contemporâneas** (dissertação de mestrado), 2009.
21. MACHADO, Arlindo. **arte e mídia**. Rio de janeiro, Ed.Jorge Zahar, 2008.
22. MADUREIRA: Ana Flávia do Amaral. **Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática** (dissertação de doutorado). UnB, 2007.
23. ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre o documento e a arte contemporânea**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2009.
24. SOUZA, Raimunda Figueiro. **Artes Visuais: leitura de imagens e a apuração do olhar para o ensino de Artes**. Rio Branco 2011

Web Referência

1. DIAS, Belidson, Visualidades: Revista do programa de mestrado em cultura visual. V 10 nº 02 dezembro de 2012. confibercom.org/anais2011/pdf/112.pdf (12/10/2013).
2. FRADE, Isabela *et al*: Refletores em Convergência com as Questões de Gênero: Disponível via correio eletrônico: faeb.com.br/livro03/Arquivos/comunicacoes/462.pdf. (10/10/2013)
3. NASCIMENTO, Erinaldo Alves do. (2006) A Cultura Visual no Ensino de Arte Contemporâneo: singularidades no trabalho com as imagens. Edição nº 42 julho de 2006, do Boletim Arte na Escola. www.artenaescola.org.br (12/10/2013)
4. RAMOS, Matheus Mazini: Fotografia e arte demarcando fronteiras 2009. www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_12/contemporanea_n12_12_matheus.pdf (08/10/2013).

5. STORI, Norberto: O Despertar da sensibilidade na educação. Ed. Cultura Acadêmica. São Paulo, 2003. elninga.blogspot.com.br/2011/01/como-era-o-sexo-na-idade-moderna.html (15/10/2013)
6. JUNQUEIRA, Rogério Diniz Org. Coleção Educação Para Todos: Diversidade Sexual na Educação. 2009. Brasília. unesdoc.unesco.org/images/0018/001871/187191por.pdf (15/10/2013)
7. SOUSA, Liliane Pereira de: A Violência Simbólica Na Escola: Contribuições De Sociólogos Franceses Ao Fenômeno Da Violência Escolar Brasileira, 2012. www.revistalabor.ufc.br/Artigo/volume7/2_A_violencia_simbolica_na_escola_-_Liliane_Pereira.pdf (08/10/2013)